

# Centro de Estudos Baianos

---

---

EDIVALDO M. BOAVENTURA

## A PERENIDADE DE CASTRO ALVES

ATA 701 DO SABADOYLE DE 11 DE JULHO DE 1987  
EM HOMENAGEM AOS 140 ANOS DO POETA

---

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

129

EDIVALDO M. BOAVENTURA



## A PERENIDADE DE CASTRO ALVES

ATA 701 DO SABADOYLE DE 11 DE JULHO DE 1987,  
EM HOMENAGEM AOS 140 ANOS DO POETA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

1987

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Prof. Germano Tabacof  
Reitor da Universidade Federal da Bahia  
Professora Eliane Elisa de Souza Azevedo  
Vice-Reitora da UFBA.

Professor Fernando da Rocha Peres  
Diretor do Centro de Estudos Baianos



**VITAE**

*Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social*

Boaventura, Edivaldo Machado

A perenidade de Castro Alves : Ata 701 do Sabadoyle de 11 de julho de 1987 em homenagem aos 140 anos do poeta/ Edivaldo Machado Boaventura. — Salvador : Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

16p. : 22cm. — (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação ; 129).

1. Alves, Antônio de Castro. I. Título. II. Série.

CDU - 92 Alves, A. de C.

Preparada pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA

## SUMÁRIO

O CICLO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	05
FORMAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL NO RECIFE.....	08
TRIUNFOS E GEMIDOS.....	09
A PUBLICAÇÃO DA OBRA.....	11
OS CENTENÁRIOS E AS PUBLICAÇÕES.....	13
COMUNICAÇÃO LITERÁRIA POPULAR.....	14
CASTRO ALVES NA LITERATURA DE CORDEL.....	15
DE POETA A HERÓI NACIONAL.....	15
ENCONTRO NO SABADOYLE.....	16

## A PERENIDADE DE CASTRO ALVES

Edivaldo M. Boaventura

Trago para esta tarde algumas balizas da trajetória dos 140 anos de Castro Alves. Começo por Cabaceiras. E tudo se converge para a antiga fazenda, recriada em Parque, aonde agora, poetas, estudiosos, estudantes, políticos, parentes, autoridades, turistas e o povo em geral vão, em romaria cívica e popular, em todo 14 de março, evocar a data de nascimento de Cecêo. Cabaceiras se transmuda, assim, em praça da poesia, com a presença dos poetas populares, com o saudoso Rodolfo Coelho Cavalcante a proclamar: *Castro Alves não morreu, vive na alma do povo!*

### O CICLO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Ali, Onde o Paraguaçu rola profundo, foi erguido o Parque, a integrar o conjunto do vale, *uma sensação permanente de brisa a gemer*. Lã estão metaforicamente, a brisa, a brisa do Brasil beija e balança..., a serra do Aporã, a fonte onde a *...brisa macia / Pela savana bravã / Arrufava os ervaçais...*, a cachoeira do Roncador, o fabuloso rio, espinha dorsal da amada nação baiana, que une as elevações verdes e luxuriantes da Chapada Diamantina aos áridos tabuleiros do sertão até alcançar as terras amenas e doces do Recôncavo, antes de se lançar pródigo e inexoravelmente ao mar.

É agradável sentir aquela imensidão de verde no largo vale, pois *A alma fica melhor no descampado...* e o campo *é o ninho do poeta...*

Chegando ao Parque, fácil é recriar a imagem do

poeta ainda criança a correr por aquelas plagas, a subir nos umbuzeiros e cajueiros, alguns seus coevos, brincando com Lúcia:

*Eu e Lúcia, corriamos - crianças -  
Na veiga, no pomar, na cachoeira  
Como um casal de colibris travessos  
Nas laranjeiras que o Natal enflora.  
Ela era a cria mais formosa e meiga  
Que jamais, na fazenda, via o dia.*

Lembraria as cantigas da infância na fazenda, como em Lucas:

*Eu gosto dessas cantigas  
que me vêm lembrar a infância,  
São minhas velhas amigas,  
Por elas morro de amor...  
Deixai ouvir a toada  
Do - cativo lenhador -*

Esse mundo longínquo da infância em Cabaceiras também está em Fé, Esperança e Caridade, quando, anos de pois, se dirige a Leonídia Fraga:

*Quando a infância corria alegre, ã-toa,  
Como a primeira flor que, na lagoa,  
Sobre o cristal das águas se revê,  
Em minha infância refletiu-se a tua...  
Beijei-te as mãos suaves, pequeninas,  
Tinhas um palpitar de asas divinas...*

É importante associar a geografia à biografia para o aprofundamento maior da poética castroalvina. Mas, paremos aqui, na *Hora meiga da tarde!* e vamos com o Poeta e família para Muritiba, São Félix, Cachoeira até chegar a Salvador. É o ciclo da infância e adolescência. E Salvador da vida de Castro Alves é a rua do Rosário, do Paço, da Boa Vista, do Pelourinho, do Sodré, Colégio Sebrão, Ginásio Baiano, Teatro São João.

Mas a Bahia que o glorifica é outra, pontilhada

fisicamente da sua presença. O Poeta denomina uma importante praça. Denomina e domina do alto de sua estátua, lembrado sempre que *A praça! A praça é do povo/ Como o céu é do condor*. É a definição de praça mais democrática e mais poética que conheço. Ao inaugurar essa estátua, nas comemorações do centenário da Independência do Brasil, na Bahia, em 1923, todos esperavam o grande discurso de Seabra. Qual nada! o político republicano, num gesto inesperado e arrebatador, recitou de cor *Ode ao Dous de Julho*.

Depois da estátua, veio o Teatro, que para ele era uma tribuna, na Praça Dois de Julho. Dois de Julho tão presente na sua poesia, merecendo pelo menos quatro poemas:

*É a hora das epopéias,  
Das ilíadas reais.*

É a ode genealógica:

*Nós que somos borboletas  
- Das crisálidas de avôs...*

Mas, a mais sublime e conhecida é a cívica:

*Era no Dous de Julho. A pugna imensa  
Travara-se nos cerros da Bahia...  
O anjo da morte pálido cosia  
Uma vasta mortalha em Pirajã.*

As quatro são um canto eloquente à liberdade. Liberdade que para ele são se configura no futuro. Essa é uma das suas idéias-forças:

*Era o porvir - em frente do passado  
A Liberdade - em frente à escravidão.*

Para que se concretize no porvir, ele a associa à idéia de noivado e de casamento:

*Eras tu - Liberdade peregrina!  
Esposa do porvir - noiva do sol.*

O passado que projeta o futuro no instante diminuto do presente que passa. Castro Alves confia no futuro. É o porvir que contava para ele. Telênia Hill, ao analisar a sua mensagem como um figurizador, acentua:

*Ao contrário de outros, que se deixavam absorver pelo passado, Castro Alves se lançava ao futuro, com toda a vibratibilidade de sua natureza.*

Embora baiano do Recôncavo, o que se reflete de modo cristalino na poesia social e épica, neto de um dos heróis da guerra da Independência, o lendário e intrépido Periquitão, e filho de professor da Faculdade de Medicina, revela-se também um homem do sertão, em versos de grande força telúrica, como aquele onomatopaico:

*O estampido estupendo das queimadas*

Em *Crepúsculo Sertanejo*:

*Na esguia atalaia das árvores secas  
ouvía-se um triste chorar de arapongas  
.....  
Em músico estalo rangia o coqueiro.*

## FORMAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL NO RECIFE

Chega ao Recife, em 1862, e lá permanecerá até 1867. É a fase hugoana com influência de Lamartine e Musset, como bem mostrou Cláudio Veiga estudando *A presença francesa em Castro Alves*. São seus companheiros Luiz Cornélio dos Santos, talvez o maior dos amigos e quem melhor, fisicamente, o descreveu, Vitoriano Palhares, Alves Carvalhal, Ruy, Regueira Costa, Maciel Pinheiro, o "peregrino audaz", Augusto Álvares Guimarães, Aristides Milton e Alfredo de Carvalho, que o recordaria mais tarde em *Estudos Pernambucanos*.

No início, mora com a misteriosa Idalina, na rua do Lima. Já em companhia de Eugênia Câmara, no bairro do Barro escreve *O Gonzaga*:

*E a casa branca na beira do caminho  
era o asilo do amor e da poesia.*

Regressa à Pátria de Moema em 1867, a tempo de participar dos festejos do Dois de Julho e de encenar *O Gonzaga ou a Revolução de Minas*. Volta à Boa Vista para as recordações maternas:

*Eu não quero laureis, quero as rosas da infância.*

## TRIUNFOS E GEMIDOS

Passa pela Corte em 1868. Encontra-se com Alencar e Machado. Daí as cartas famosas sobre o vate baiano. O momento histórico era beligerante com a Guerra do Paraguai, que lhe inspira *Pesadelo de Humaitá*.

O ano de 1868 ser-lhe-ia definitivamente consagrador, em São Paulo. Obteve os maiores sucessos, com *O navio negreiro*, *Vozes d'África*, *A mãe do cativo*, *Lúcia*, *O vidente*, *Canção do boêmio*, *Ode ao Dois de Julho*, *O laço de fita*, *Boa noite*. Nas arcadas é colega de Ruy, Nabuco, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Sancho Barros Pimentel, Ramos da Costa e amigo dos professores, principalmente de José Bonifácio, o moço:

*Estou na Academia, ouvindo o grande José Bonifácio!*

Ribeiro Neto nos conduz Castro Alves em São Paulo, como também Vicente de Azevedo em *O poeta da liberdade* e Norlândio Meireles de Almeida inversamente mostrará a

São Paulo de Castro Alves. É possível ver os vestígios do Hotel d'Itália, na rua Direita com a de São Bento. Escutar os gaúchos na Riachuelo, baianos, como Ruy, à rua da Glória; mais além, no Braz... gemidos; na rua do Imperador, os curativos com o Dr. Lopes dos Anjos, e afinal, no beco dos Mosquitos, perto da Sê, a longa espera da cura, a dolorosa espera... e o conforto do Padre Chico, isto é, Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, e a visita constante dos amigos Aureliano Coutinho, Carlos Ferreira e, principalmente, Brasília Machado, o amigo enfermeiro.

No retorno ao Rio, ficou... com menos matéria que o resto da humanidade. A volta da primavera marca o seu restabelecimento.

Regressa definitiva e silenciosamente com a esperança de repousar em sua pátria, em novembro de 1869, e segue para Currálinho, adentra-se mais para o sertão até o Rosário do Orobô. É o reencontro com a terra, com o rio e com o amor. Myriam Fraga, poeticamente em *Flor do Sertão*, breve notícia do amor infeliz da moça Leonídia pelo poeta Castro Alves, acrescenta:

*reingressa no espaço mágico de sua infância.  
Aí não encontra a saúde mas sim o amor, na figura suave de Leonídia Fraga.*

Desse amor com a infeliz serrana é a importante produção lírica dos últimos tempos de vida, como *Aves de arribação*, *O Hóspede*, *Fê*, *Esperança e Caridade*, *Os perfumes* ... invólucro invisível...

Vem à estampa o único livro publicado em vida, *Espumas Flutuantes*. Declama na Associação Comercial em favor dos franceses vítimas da guerra franco-prussiana, escreve *Carta às Senhoras Baianas*, faz o último passeio à Barra

com o difícil e longínquo amor de Agnese Murri e desaparece em 6 de julho de 1871...

## A PUBLICAÇÃO DA OBRA

Sem incluir a produção juvenil, é possível que as primeiras poesias fossem escritas a partir de 1863 ou 1864, veja-se *Mocidade e Morte*, por exemplo. Começou a carreira literária, portanto, dos 16 para os 17 anos, encerrando-a pela morte aos 24 incompletos.

Deixando apenas um livro publicado, o trabalho de sua irmã predileta, Adelaide, juntamente com o marido, Augusto Álvares Guimarães, jornalista e político eminente, amigo do Poeta e um dos seus primeiros biógrafos, foi o de recolher os inéditos e dispersos para editar a obra. *O Gonzaga ou a Revolução de Minas* sai em 1875; *A Cachoeira de Paulo Afonso*, em 1876; *Vozes d'África*, em 1880; *Os escravos*, em 1883. Surgem, pela mesma época, os depoimentos de colegas e amigos, como o de Joaquim Nabuco, em 1873. Já no decenário da morte, Ruy faz o *Elogio* e vem a público a discussão literária sobre sua poesia com Belarmino Barreto à frente. Ainda em 1881, consta que Carlos Gomes compôs um hino em sua homenagem.

Destacada é a contribuição de Múcio Teixeira para o conhecimento da obra. Já na edição de *Os escravos* apresenta um esboço biográfico. Em 1896, publica *Vida e obra de Castro Alves*, considerada como a primeira biografia de fôlego. E a primeira tentativa de reunião das poesias aparece em 1898, pelo gramático M. Said Ali, pela Casa Laemmert.

Com a fundação da Academia Brasileira de Letras,

em 1896, Valentin Magalhães o escolhe para patrono da cadeira número 7. Sistematizam-se os estudos sobre sua obra e seu enquadramento na última fase do romantismo brasileiro em trabalhos de história ou de interpretação da literatura, como em Sílvio Romero e José Veríssimo, ou em conferências e artigos como a palestra de Euclides da Cunha. Todavia, o empreendimento mais notável é o de Afrânio Peixoto, que desde 1914, pelo menos, enceta os seus estudos castroalvins. Observa Fernando Salles, no prefácio da quinta edição de *Castro Alves, o poeta e o poema*, que o autor de *Bugrinha* repararia a falta cometida com o patrono de sua cadeira no discurso de posse na Academia, pois, dirigiu-se a Cecílio uma única vez e ocupou-se quase exclusivamente de Euclides da Cunha. O certo é que a partir de então, o Poeta passa a ocupar um lugar de destaque na bibliografia afrâniana. São mais de trinta trabalhos e edições. Nas comemorações do centenário, em 1921, saem, enfim, as *Obras completas de Castro Alves*, pela Francisco Alves. Segundo Afrânio, a obra se compõe "de todos os seus inéditos, na forma definitiva, restituídos à versão autêntica...". E faz alterações em alguns versos... Não obstante, um ano antes, Alfredo Mariano de Oliveira fizera pela H. Antunes uma edição das obras completas. Ainda em 1921, Afrânio Peixoto e Constâncio Alves produzem uma *Antologia Brasileira de Castro Alves*, sob os auspícios do Ministério da Instrução Pública de Portugal.

Um ano antes, porém, Homero Pires, ainda na Bahia, principia a se ocupar do poeta e edita *Poesias*, em 1913. Por ocasião do centenário de nascimento, em 1947, organiza a coleção das *Poesias Escolhidas*, editadas pelo Ministério da Educação e Saúde, colaborando expressivamente para a *Exposição Castro Alves*, cujo livro ilustrado só sairia depois, em 1958.

Esta revisão de literatura não estaria completa se não referenciasse um outro autor que iria se ocupar longamente de Castro Alves. É Pedro Calmon com "Vida e amores de Castro Alves", publicada pela *A Noite*, em 1935, edita *História de Castro Alves*, em 1947, até alcançar *Castro Alves, o homem e a obra*, em 1973, rica de informações e atualizações.

## OS CENTENÁRIOS E AS PUBLICAÇÕES

As comemorações do centenário de nascimento vão estimular novos estudos e edições, como a biografia em três volumes de Lopes Rodrigues, Alexandre Passos, Arquimimo Ornelas, Fernando Segismundo, Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto, Waldemar Matos, Agripino Grieco e Jamil Almansur Haddad, que trabalha numa série de publicações com revisões e seleções de poemas, como a apreciável edição dos *Poemas de amor*, anterior ao centenário. Típico é o livro de Leitão de Barros, *Como eu vi Castro Alves e Eugênia Câmara no vendaval maravilhoso de suas vidas*, que historia o filme português sobre a vida sentimental "daquele rapaz eloquente de Muritiba" com a artista e poetisa portuguesa.

Além das edições relacionadas, há toda uma corte composta, dentre muitos, por Xavier Marques, que certamente escreveu uma das melhores biografias, Guilherme de Almeida, José Oiticica, Mercedes Dantas, Jorge Amado com o seu cancionista popular de louvação, o *A.B.C. de Castro Alves*, já na 34ª edição, além da peça *Amor do soldado*, Edson Carneiro, Hans Jürgen W. Horch com a sua bibliografia e tese, Heitor Ferreira Lima, Fausto Cunha, Paulo Bonfim. Destaca-se a contribuição de Eugênio Gomes especialmente para a edição da Aguilar pelo que representa de fidedignidade para consulta.

Nas comemorações do centenário de morte, em 1971, surgiram novas publicações: as *Dimensões*, de D. Martins de Oliveira, os aspectos estilísticos de Antônio de Pádua. A criação do Parque, em Cabaceiras, e a transladação dos restos mortais para a base do monumento, na praça do seu nome, em Salvador, assinalam o evento. Mais recentemente novas perspectivas se apresentam com análise do poema lírico de Telênia Hill, a biografia onomástica de Tácito Pace, a seleção de sonetos de Rodrigues Till e o *Castro Alves de todos nós* de Eliane Zagury.

#### COMUNICAÇÃO LITERÁRIA POPULAR

A aceitação popular de Castro Alves faz dele um dos poetas mais conhecidos e mais amados do Brasil. A sua popularidade se expressa de várias maneiras. Muitas das vezes, ele denomina ruas, praças, teatros, escolas, hotel, café e bar, associações, como o Grêmio Castro Alves de Porto Alegre, que sempre toma parte na peregrinação do 14 de março. Às vezes Castro Alves aparece em objetos como chaveiros, até como marca de cigarro e de caixa de fósforos. É um fenômeno de comunicação literária, pela aceitação de sua poesia a um só tempo lírica, social e épica. Um exemplo único que ilustra bem essa popularidade, é o espetáculo representado pelo artista Vado, Benedito Irivaldo de Souza, que vem desde 1971 teatralizando *O navio negreiro* em colégios e palcos, no estado de São Paulo, com mais de cinco mil apresentações. Uma outra maneira de divulgar Castro Alves é a oração sobre o livro na quarta capa dos 12 milhões de exemplares do Clube do Livro, iniciativa de Mario Graciotti.

#### CASTRO ALVES NA LITERATURA DE CORDEL

Um aspecto interessante dessa popularidade é a aceitação da sua vida, obra e glória pelos poetas populares, notadamente do Nordeste. De Rogaciano Leite a Bule-Bule, Castro Alves é uma constante. Leitores de obras mais eruditas, esses poetas traduzem-nas para o povo nos folhetos e declamações em praças, circos, bares, feiras, festas e agrupamentos sociais outros. Rodolfo Coelho Cavalcante o considerava "o maior poeta do mundo em todos os tempos". Exagero metafórico à parte, ou deixando de lado as asas da inspiração dos poetas populares, há toda uma literatura de cordel sobre Castro Alves, conforme os estudos de Edilene Matos. Além disso, ele usou o repente, forma tradicional da poesia de cordel na disputa com Tobias Barreto e nos discursos poéticos, nos comícios, defendendo tribunais, abolicionistas e republicanos presos no Recife, como recentemente demonstrou Franklin Maxado.

O Poeta é presença viva, vibrante, imortal e popular. Sinônimo de poesia para o povo e de lirismo. Eugênio Gomes complementa:

*Absorvendo nutrição da generosa alma popular, em cujo contacto viveu, cujos anseios sentiu, e onde hauriu elementos típicos de cultura, Castro Alves plasmou a sua arte, rica de realidade, o seu lirismo que é o lirismo baiano, e, por isso, tão brasileiro. Castro Alves foi povo, não uma planta de estufa...*

#### DE POETA A HERÓI NACIONAL

Vários fatores concorrem para essa tão larga aceitação popular, o que mostra como Castro Alves atingiu o âmago dos sentimentos e valores brasileiros. A imagem romântica

ca, a lembrança de sua vida amorosa, a perene jovialidade parada no tempo, o contraste existencial entre uma vida breve e uma obra difundida, o sentimento de falta, de ausência, de morte precoce, a causa social que defendeu, as causas políticas que abraçou, como abolição e república, a idéia de que a liberdade se concretiza no futuro, a busca perene do amor, a temática brasileira de sua poesia, a presença da natureza sertaneja, tudo o coloca sempre à frente, na trajetória do futuro, na estrada do porvir. Tudo isso faz com que ele ultrapasse e transcenda a condição de escritor, de autor, de poeta, para ingressar e se instalar no pequeno círculo dos heróis nacionais. Todas as vezes que falamos do negro, do escravo, do terrível problema da escravidão, do tráfico dantesco e desumano de homens, da escuridão macabra de um navio tumbeiro, da ausência de liberdade, do povo democraticamente na praça, da bênção do livro, da mulher deitada molemente na rede, do perfume que embalsama os ares, da busca do amor, associamos à sua lembrança, à beleza de sua história que reflete o humanismo luminoso da causa da liberdade e do amor.

#### ENCONTRO NO SABADOYLE

Ao terminar este registro que reverencia os 140 anos do poeta Castro Alves, direi que foi um momento de festa, pois, para nós baianos, a festa não é tão somente uma celebração, mas sobretudo ato litúrgico de uma obrigação afetiva. A festa é uma obrigação, com todo o peso semântico que esta palavra tem para nós, a obrigação de festejar a amizade e o afeto que unem Plínio Doyle, sua filha Sônia a todos os amigos desta acadêmica fraternidade. Obrigado pela graça deste encontro.

119. MARINHO, Josaphat. *Universidade, cultura e política*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1985, 15p.
120. MENEZES, Jaime de Sã. *Oração da saudade, elogio de Pedro Calmon*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1985, 24p.
121. AZEVEDO, Thales de. *Um momento da vida intelectual na Bahia*. 1917-1938, a presença e influência do Pe. Luiz Gonzaga Cabral, S.J., Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 32p.
122. CALASANS, José. *Quase biografias de jagunços: o sêquito de Antônio Conselheiro*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1986, 110p.
123. EDELWEISS, Frederico. *Lições de Etimologia Tupi*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.
124. VEIGA, Claudio. *Um retrato da Bahia em 1904; O Papão*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1986, 40p.
125. SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e mestres na Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 58p.
126. MATTOS, Waldemar. *Pirajã, relíquia do heroísmo baiano*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 42p.
127. *Protesto Contra a Demolição da Sê (1928); Edição facsimilada, Apresentação de Fernando da Rocha Peres.*
128. No prelo.
129. BOAVENTURA, Edivaldo M. *A perenidade de Castro Alves*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 16p.

Fora da Série:

MATOS, Edilene. *O Imaginário na Literatura de Cordel*, Salvador, C.E.B., UFBA, Edições Macunaíma, 93p. (Dissertação de Mestrado em Letras na UFBA).



**VITAE**

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social